

# *O tratador de porcos*



**E**ra uma vez um príncipe jovem, inteligente e bonito, mas seu reino era pequeno e quase sem riquezas.

As duas únicas coisas realmente preciosas que possuía eram uma roseira e um rouxinol.

A roseira crescia no túmulo do pai do príncipe e, a cada cinco anos, nela desabrochava uma única flor. Era uma rosa tão bela e tão perfumada que fazia qualquer preocupação, desgosto ou mau pensamento ser esquecido por quem quer que fosse.

O rouxinol entoava melodias tão belas que emocionava até os corações mais insensíveis.

Certo dia, o príncipe resolveu encontrar uma esposa. Ele estava interessado em uma princesa bonita, mas também muito tola e caprichosa, que morava num reino distante e muito rico.

Um mensageiro informou ao rei sobre o interesse do jovem príncipe e o namoro foi permitido. Como presente de noivado, o príncipe mandou entregar à princesa seus bens mais preciosos, fechados em dois estojos. Pretendia, assim, agradar a futura noiva e dar a ela provas de seu amor.



A princesa tirou a rosa do estojo, tocou as pétalas, apreciou o perfume, mas ficou decepcionada e disse:

— Oh, meu pai! É apenas uma rosa qualquer, que amanhã já estará murcha. Que presente bobo!

Em seguida, a princesa abriu o segundo estojo e o rouxinol logo começou a cantar.

— Não bastava a rosa, agora um pássaro! — disse irritada a princesa.

A princesa recusou o pedido de casamento e proibiu o príncipe de se apresentar no reino, mas ele não perdeu as esperanças. Vestiu uma roupa de mendigo, sujou o rosto com fuligem e apresentou-se ao rei. Havia armado um plano.

— Majestade, procuro trabalho. Há algo para mim?

— Por coincidência, ontem aposentou-se o tratador de porcos. Parece-me um emprego adequado para você. Que acha?

O príncipe concordou. Os porcos não precisavam de muitos cuidados, bastava alimentá-los diariamente. Portanto, o príncipe tinha algum tempo livre para dar prosseguimento ao plano.

Ele modelou um caldeirão com diversos sininhos presos na borda. Quando a água fervia no caldeirão, os sininhos começavam a tocar uma alegre melodia. Além disso, colocando um dedo na fumaça que saía do caldeirão, era possível sentir o cheiro de todas as comidas que estavam sendo preparadas na cidade.

Da sacada, ao ouvir aquela canção, a princesa pediu às damas de honra:





— Quero o caldeirão musical. Procurem saber quanto o tratador quer por ele. Estou disposta a pagar qualquer preço.

As damas foram, mas voltaram logo depois, coradas e escandalizadas com a exigência do tratador de porcos: dez beijos da princesa. Ela relutou, mas como queria muito aquele caldeirão, acabou cedendo.

A princesa pediu, então, às suas fiéis damas que fizessem uma roda em volta dela, pois assim ninguém a veria em humilhante situação. Deu os dez beijos no tratador de porcos e foi embora com o desejado caldeirão.

Nos aposentos da princesa, o caldeirão fervia dia e noite. Qualquer coisa que viesse a ser cozida no reino, a princesa ficava sabendo.

Enquanto isso, o tratador de porcos arquitetava mais uma invenção. Desta vez, fabricou um pandeiro e bastava balançá-lo de leve para que tocasse qualquer tipo de música desejada.

Certa manhã, a princesa escutou aquelas melodias e logo sentiu o desejo de ter o pandeiro. Então, pediu a uma das damas de honra para se informar com o tratador sobre o preço.

A dama mais nova voltou toda corada e embaraçada.  
— Princesa, o tratador de porcos pede cem beijos seus.  
A princesa bateu o pé no chão, zangada.

— Está louco? Não aceitarei! Porqueiro atrevido!

Mas a música envolvente que o pandeiro tocava naquele instante fez a princesa ceder ao orgulho. Daria os beijos no porqueiro.

A princesa ordenou às damas que fizessem uma roda em volta dela, como da outra vez, enquanto o tratador de porcos a beijava.

E o tratador beijou... Beijou...

Enquanto a princesa estava cumprindo o combinado, o rei havia subido na torre mais alta do palácio e, por acaso, viu, ao lado do chiqueiro, a roda formada pelas damas de honra da princesa.



— Aquelas são as damas de minha filha. O que estarão aprontando? Vou verificar.

O rei desceu as escadas rapidamente e logo chegou ao local.

As damas, distraídas em contar os beijos, não perceberam a chegada do rei.

Surpreso ao ver a filha, tão orgulhosa, beijando o tratador de porcos, o rei gritou:

— Mas que história é esta? Você perdeu o juízo?

Sem aguardar explicações, o rei chamou os guardas e ordenou-lhes que expulsassem daquele reino a filha e o tratador, prevenindo-os de que não ousassem aparecer nunca mais.

Enquanto os dois saíam da cidade, começou a cair uma chuva muito forte. A princesa, molhada, suja de barro, tremendo de frio e sentindo-se humilhada, chorava muito.





— Coitada de mim, como sou infeliz! — gemia a princesa. A que fui reduzida? Se tivesse aceitado por marido o lindo príncipe que tinha me pedido em casamento, mesmo não sendo rico, estaria agora em situação mais feliz. Mas não o compreendi, fui arrogante e caprichosa. Agora, eis-me aqui, na miséria, expulsa do meu país, junto de um tratador de porcos...

Na entrada de uma floresta, o tratador de porcos parou atrás de uma árvore, tirou a fuligem do rosto, trocou os farrapos por uma roupa luxuosíssima que havia escondido e reapareceu na frente da princesa. Era tão lindo, com todo o esplendor de um rei, que ela fez uma profunda reverência, inclinando-se com respeito e encanto.



— Todas estas cerimônias são inúteis, minha querida princesa — disse o príncipe. — Eu, que desejava tanto tê-la como minha esposa, agora me desencantei. Você recusou um príncipe honrado, não entendeu nada, nem da rosa nem do rouxinol. No entanto, pelo capricho de obter um brinquedo novo, você se submeteu a beijar um sujo tratador de porcos. Por isso, merece o castigo que lhe foi aplicado. E, agora, afaste-se de mim!

O príncipe deixou-a chorando e retornou ao seu humilde reino. Algum tempo depois, casou-se com uma princesa de uma terra distante com a qual viveu feliz para sempre.